

## **Educação e interatividade em rede: conexões para a produção de novos conteúdos<sup>1</sup>**

Cláudia Maria Moraes BREDARIOLI<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

As apresentações para esta comunicação coordenada estão todas construídas em torno da ideia segundo a qual em uma sociedade marcada de modo decisivo pelos dispositivos midiáticos, os processos educativos necessitam ser revistos e repensados tendo em mira o lugar estratégico assumido pelos sistemas e processos comunicacionais. Os autores trazem à luz as suas pesquisas levadas a termo nos encontros entre comunicação, mídias e educação. Neste texto específico, abordamos essas relações diante das novas tecnologias e das mudanças nas condições de recepção e produção da contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; educação; interatividade; novas tecnologias.

### **TEXTO DO TRABALHO**

#### *A questão da tecnologia no âmbito do pensamento comunicacional*

Discutindo a questão da técnica, Martin Heidegger destaca que a técnica não é um outro em relação à humanidade. Ela faz parte das relações, é integrante e não pode ser dissociada. Segundo o autor, tanto as técnicas modernas quanto as antigas cabem dentro dessa reflexão. E Heidegger vai além: para ele, a natureza da técnica é da criação. Ela é dotada de vontade e de um destino. Mais do que isso, a técnica não pode ser explicada por ela mesma, ou melhor, não diz respeito aos termos da própria técnica. Isso posto, o que propomos com esse texto levar as discussões sobre a técnica, sob o enfoque das novas tecnologias, ao âmbito do pensamento comunicacional e, dentro dele, especificamente aos estudos de Comunicação e Educação.

Focando no pensamento contemporâneo da Comunicação como campo de conhecimento, Miége (2000) aponta caminhos para a observação da maneira como as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).

tecnologias de informação e comunicação (TIC) – ou, os novos dispositivos, na visão de Agamben – acompanham hoje os jovens em sua busca de identidade ao passo que contribuem tanto para isolar quanto para reforçar suas redes sociais. Segundo ele, se toda nova tecnologia da comunicação costuma despertar a possibilidade aparente de uma maior democratização das comunicações, havemos de pensar também na dimensão trazida pela inserção das conexões em rede na sociedade. Para Miège, é latente a necessidade de os estudos da Comunicação resistirem a esse pensamento tecnológico, à abordagem tecnológica dos processos comunicacionais, expandindo, então, o pensamento comunicacional a uma postura que combine um misto de elementos teóricos e que resultem das estratégias de comunicação desenvolvidas na sociedade.

Frequentemente, a compreensão do pensamento comunicacional na sociedade contemporânea tem sido perpassada pelo discurso dominante da tecnologia. E isso não se dá apenas por causa do mercado, dos movimentos econômicos envolvidos neste contexto. Bernard Miège não descarta, porém, a demanda da economia que move esse processo. Daí a importância de estudos que mesquem as questões culturais com questões de ordem socioeconômica:

Apesar de não haver uma inter-relação, a priori, entre as reflexões sobre a tecnologia e as feitas sobre a mediação social e cultural, nos parece que no caso da comunicação elas não devem ser dissociadas; sendo assim, o desenvolvimento das (novas) tecnologias da informação e da comunicação nos leva a uma interrogação sobre as mudanças que desencadeiam ou são obrigadas a acompanhar no âmbito das estruturas de mediação. A objetividade tecnológica leva a pensar que a adaptação de cada objeto técnico se faz quase que espontaneamente, e sem defasagem, em relação às necessidades preexistentes, às quais ele se adapta com toda a facilidade. (MIÈGE, 2000, p. 76-7)

Uma possibilidade de ampliar a discussão em torno do pensamento comunicacional para além da abordagem tecnicista das questões aqui apontadas estaria na iniciativa de situarmos as mudanças que observamos nos processos de mediação, compreendendo que as mediações são mais amplas que os fenômenos de informação e comunicação, não provêm apenas das ciências da informação e comunicação. Ao transportarmos essas percepções para um olhar mais atento sobre a sociedade contemporânea, vemos que as atuais tecnologias têm trazido mudanças para a cultura e para os cidadãos. Vão além daquilo que a chegada da televisão proporcionou – ao ligar pessoas e coisas distantes como se estivessem próximas. É neste contexto que observamos a questão das interferências trazidas pelas

novas tecnologias enquanto – o que inclui conceitos como os de tempo e espaço na era tecnológica. Isso faz sentido, segundo Octavio Ianni, porque “pela primeira vez são desafiadas (*as ciências sociais*) a pensar o mundo como uma sociedade global” (IANNI, 1994, p.147) e não mais sobre a sociedade nacional – base para a produção do pensamento científico até o fim do século XX.

Ninguém pode negar que a noção de “sociedade da informação” abrange realidades que modificam em profundidade os modelos de organização econômica, o estatuto do saber, a cultura e os modos de vida. Contudo, para Armand Mattelart (2011), esta noção adquiriu um caráter de evidência sem que os cidadãos tenham podido exercer seu direito a um verdadeiro debate.

Há uma linha de telefone para cada dois habitantes nos países ricos contra uma para cada 15 nos países em vias de desenvolvimento... e uma para cada 200 nos países menos avançados. Os porta-vozes do setor privado acentuam a flexibilidade e o espírito competitivo da empresa. Eles insistem na necessidade de reduzir a missão dos poderes públicos a uma só função: criar um ambiente mais favorável aos investimentos. Este economicismo faz boa parceria com a visão pragmática da comunicação inerente à IUT, organismo do sistema das Nações Unidas. (MATTELART, 2011, online)

Segundo o autor, a esta visão tecnicista se opõe a agenda social elaborada pelo terceiro setor em nome do desenvolvimento durável: a necessidade de ligar experiências numéricas à memória da apropriação social das tecnologias anteriores, o rádio em particular; a governança democrática, ou seja, a transparência e a participação; a alfabetização, a educação e a pesquisa; os direitos humanos; o conhecimento como patrimônio da humanidade; a diversidade cultural e linguística; a redução dos custos de conexão, os softwares livres; a participação no controle da internet e em todas as instâncias onde se faz a regulação internacional do cyberspaço (OMC, Organização Mundial da Propriedade Intelectual, Internet Corporation for Assigned Names and Numbers); e a segurança do direito de comunicar dos cidadãos.

Há muito tempo, a abordagem instrumental das mídias, das redes (e da cultura) impediu a definição de uma doutrina sobre seu papel na mudança social. Que mais está em sua dimensão internacional, na medida em que muitos só o descobriram com a irrupção da Internet! Ainda é preciso determinar que o reconhecimento recente do caráter central da problemática dos modelos de implantação social das tecnologias da

comunicação está longe de ser feito com todos os componentes do movimento social mundial, mesmo se cada um maneja com destreza as novas ferramentas digitais. (MATTELART, 2011, online)

Já Giorgio Agamben, em *O que é um dispositivo*, propõe, também a partir da explanação de Foucault, o seguinte: “Eu chamo dispositivo tudo o que tem, de uma maneira ou de outra, a capacidade de capturar, de orientar, de determinar, de interceptar, de modelar, de controlar e de assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (Agamben, 2007, p. 31). É por isso, segundo Agamben, que os dispositivos existem desde o aparecimento do homem, e não existe nenhum instante sem que o indivíduo seja modelado, contaminado ou controlado por um dispositivo. Hoje em dia, o dispositivo apodera-se do espectador e remodela-o incessantemente. Ele deseja a sua participação e a sua ação efetiva. Ele convoca-o no seio da sua produção, coloca-o no centro dos seus mecanismos e órgãos. Digitaliza-o e virtualiza-o. Sacraliza-o e sacrifica-o. E para voltar aos conceitos de Agamben, só nos resta profaná-lo, para assim “trazer à luz, esse Ingovernável que é simultaneamente ponto de origem e ponto de fuga de qualquer política” (p. 50).

“Tomemos como exemplo o dispositivo-telemóvel, onde poderíamos pensar que a sua novidade viria acarretar uma nova subjetividade nos indivíduos. Na verdade, ele restitui apenas e só um número através do qual o sujeito poderá, provavelmente, ser vigiado. Assim com o espectador televisivo, que julga apropriar-se de programas televisivos, mas que de facto dispõe apenas e só a máscara frustrante do zappista e a sua inclusão num índice de audiências em troca de uma desobjetivação aparente” (AGAMBEN, 2007, p. 44-45).

### ***A discussão no contexto dos estudos de Comunicação e Educação***

Recentes estudos de Comunicação defendem que a configuração das novas mídias e da convergência midiática que se desenha, enquanto agentes socializadores, pede a participação de receptores atuantes (ou, conforme Alvim Toffler, ‘prossumidores’) para que de fato possam desempenhar a contento seus papéis sociais. É preciso pensar, então, como e o que aprendemos nessa nova condição para sairmos do estado de puro e simples acesso à tecnologia (mas sem capital pessoal que permita o uso e a apropriação dos instrumentais

técnicos). Somente a partir da aquisição de um capital digital cultural<sup>3</sup> – a ser conquistado a partir de elementos trazidos pela educação – é que poderemos discutir a formação de atores no que tange à interatividade advinda das novas mídias. Mais do que isso, essa condição, hoje, é necessária também para que os cidadãos tenham acesso à inserção no mundo do trabalho e no consumo. Contar com a existência de receptores-produtores, aptos a utilizarem esse capital digital para apropriarem-se das tecnologias, das novas mídias e das novas condições de inserção social, trata-se de um desafio da sociedade como um todo e pede um movimento que obrigatoriamente terá de ser iniciado pela educação.

O que vemos é que, ao mesmo tempo em que podem contribuir para derrubar barreiras, as tecnologias digitais (como todas as anteriores) também promovem a ratificação da exclusão e o aumento do fosso que separa os que dela não fazem parte daqueles que nela estão inseridos. Mas, por trás dessa percepção que se torna mais visível, surge também a necessidade de a Ciência observar um processo que se estabelece no cerne dos movimentos econômicos e sociais contemporâneos, modificando o cotidiano daqueles que neles se envolvem: o do fluxo dos produtos transmediáticos que sustenta a constituição da interculturalidade global identificada atualmente – esse conteúdo está em toda parte, transportado nas telas que carregamos conosco ou naquelas com as quais cruzamos pelas ruas (são celulares, *notebooks*, *palmtops*, *ipods*, televisões, tablets etc.), ultrapassando fronteiras geográficas. Ocorre que novos agentes têm deixado mais complexa essa compreensão: os deslocamentos crescem e se espalham para novos destinos, enquanto multiplicam-se velozmente os conteúdos, as mídias e as possibilidades de apreensões feitas a partir do que é dado a cada instante. Interessa-nos, assim, olhar mais de perto para a relação estabelecida com essas mídias convergentes (Jenkins, 2008), com destaque para a internet e para os processos de recepção dela decorrentes.

É neste aspecto que começamos a pensar em um conceito que “atualize” a ideia de capital cultural (Bourdieu, 1996) para as novas tecnologias – vistas enquanto sustentação do capitalismo global –, conceituado inicialmente como capital cultural digital, algo que está relacionado à capacidade de os cidadãos se moverem na rede (e conseqüentemente na sociedade) e apreenderem o potencial de uso desse espaço virtual. A concepção da formação desse capital digital tem como base a condição de que a cultura atua também

---

<sup>3</sup> Propomos o conceito de capital cultural digital a partir da proposição de Bourdieu (1996) para capital cultural e social, como veremos a seguir, que envolve a formação e qualificação dos cidadãos a partir das diferentes experiências de aprendizado às quais está exposto, não apenas no ensino formal. A ideia do capital digital propõe, conforme também esclarecemos à frente, trazer essa proposta de Bourdieu para o uso das novas tecnologias e para a capacidade de produção e mobilidade diante dessas tecnologias.

como mediação (Martín-Barbero, 2003), exercendo, portanto, uma ação profunda no processo de recepção, uma ação dos referentes culturais sobre a re-elaboração dos conteúdos comunicativos. Como afirma La Pastina (2004, p. 365): “O capital cultural necessário para participar de certas leituras de textos de mídia não é necessariamente o resultado de grandes exposições a fontes alternativas de mídia, mas isso pode requerer outras fontes de conhecimento que podem ou não ser mediadas.”

Visto que essa geração que hoje está na universidade ou recém saiu dela é a primeira de nativos digitais (conforme Marc Prensky, 2001, referindo-se aos que cresceram cercados por tecnologias digitais) que chega ao mercado de trabalho no Brasil, vale tomar-lhe como ponto de partida para começarmos a compreender como se dá a formação de um capital digital interativo que torne os indivíduos aptos a se apropriarem das mídias e a partir delas galgarem degraus no processo de inserção social. Deste modo, entre os agentes socializadores (conceito atribuído pelas Ciências Sociais aos que contribuem para o desenvolvimento e para a inserção dos indivíduos, como a escola, a família, a igreja, os meios de comunicação, entre outros), daríamos prioridade ao papel dessas novas mídias nesse contexto da formação do cidadão.

O desafio da compreensão dessas questões tem ganhado importância dentro dos estudos de Comunicação, conforme CROVI DRUETTA (2011, p. 115): “Em matéria de formação de um novo profissional de Comunicação, as universidades têm diante de si o enorme desafio de capacitar os trabalhadores da era digital.” E também dentro dos estudos da Educação, trazendo para a interseção desses campos a necessidade de compreendê-lo.

Conceber a Educomunicação como uma área que busca pensar, pesquisar, trabalhar a educação formal, informal e não formal no interior do ecossistema comunicativo. Posto de outro modo, a comunicação deixa de ser algo tão somente midiático, com função instrumental, e passa a integrar as dinâmicas formativas, com tudo o que possa ser carreado para o termo, envolvendo desde os planos de aprendizagem (como ver televisão, cinema, ler o jornal, a revista; a realização de programas na área do audiovisual, da internet), de agudização da consciência ante a produção de mensagens pelos veículos, de posicionamento perante um mundo fortemente editado pelo complexo industrial dos meios de comunicação (CITELLI, COSTA, 2011, p.8)

Diante desse contexto e do fato de esses jovens passarem cada vez mais tempo diante das telas cabe-nos ainda questionar: a que estão assistindo? O que estão fazendo? Como reagem e, principalmente, interagem em rede? Quais processos de recepção estão envolvidos nessa assistência, seja ela interativa ou não? Vemos que as tecnologias da informação e da comunicação podem constituir novos formatos para as mesmas velhas concepções de ensino e aprendizagem, inscritas em um movimento de modernização, ou, ainda, em condições específicas, instaurar diferenças qualitativas nas práticas pedagógicas. Ao mesmo tempo, com relação ao mundo do trabalho, sabe-se que um dos fatores de produção decisivos passa a ser o conhecimento e o controle do meio técnico-científico-informacional, reorganizando o poder advindo da posse de capitais determinados.

Pensando que para muitos a universidade é o caminho para a ascensão social – que se daria via emprego – ou mesmo para a manutenção social, permitindo a inserção qualificada no mundo do trabalho. Desse modo, ao passo que são apregoadas novas possibilidades, como a superação do divisor digital, é instituída, com base na sua própria ressignificação, uma espécie de apartheid educacional em escala planetária.

Segundo Setton (2005), a maior difusão da informação pode ampliar o escopo de um conhecimento de experiências alheias, virtuais, distantes das relações face a face. Neste sentido, não seria mais possível pensar a educação apenas em sua acepção tradicional, como instrução formal empreendida, sobretudo nas instituições formais do ensino (Baccega, 2002; Citelli, 2002). É necessário estar aberto para outras formas de aprendizado, com destaque para aquele divulgado por agentes que estão fora dos círculos legitimamente reconhecidos como educativos. Setton chama a atenção para capacidade desses outros agentes de potencializar – em continuidade ou em ruptura – disposições com relação ao aprendizado adquiridas previamente no ambiente familiar ou escolar. “Penso que a sociedade brasileira, embora esteja inserida na complexidade da rede cultural possibilitada pela globalização, conectada pelas tecnologias informativas, eletrônicas e digitais, ainda não conta com um sistema de ensino capaz de integrar a todos em uma cultura comum de qualidade” (Setton, 2005).

Olhar concomitantemente para as áreas da Educação e da Comunicação permite compreender alguns efeitos de uma sobre a outra e vice-versa, sob o contexto do uso das novas tecnologias que, por sua vez, tem modificado tanto a Educação quanto a Comunicação.

Existem várias maneiras de trabalhar os vínculos da comunicação com a educação. Há o plano epistemológico voltado a indagar acerca de possível novo campo reflexivo e interventivo resultante de encontros, desencontros, tensões, entre os processos comunicacionais e a educação. Esta, em particular, sobretudo quando pensada em sua dimensão formal, vivendo o permanente desafio apresentado pelas TICs, pelas intercorrências das culturas midiáticas, pelas novas maneiras de os sujeitos serem e estarem no mundo. (CITELLI, 2011, p.59)

Educação e Comunicação são necessidades exigidas em todos os campos em que prevalecem as relações humanas e técnicas. Reunida à comunicação, “a educação é solicitada para invadir todos os campos, não isolada em seus limites de formação e instrução, mas mediada, realizando na prática as interconexões que as potencializam e diferenciam. Só que, mais de uma década após o seu lançamento no Brasil, a internet é ainda utilizada de forma restrita nos espaços formais de educação” (conforme KENSKI, 2008). Isso não impede, contudo, que ela sustente inúmeras formas diferenciadas de educação não-formal (ou extra-escolar), criadas livremente por pessoas, grupos, corporações, organizações governamentais ou não, com objetivos definidos de aprendizagem. Não há como debater de forma geral sobre os níveis de qualidade educacionais dessas iniciativas, da mesma forma como é impossível garantir a qualidade da aprendizagem oferecida por todas as formas oficiais de ensino, virtuais ou não (Kenski, 2008).

Convergências e interconexões de temas, tecnologias, teorias e pesquisadores redefinem no conjunto os seus caminhos para que o processo coletivo de investigação e produção de conhecimentos possa ocorrer com a participação de todos, e com o menor tipo possível de ruídos na ação e na comunicação. Segundo Barreto (2009), a convergência das mídias favorece a confluência das pessoas e a organização de grupos de interessados em um mesmo assunto. Essas redes temáticas constituem novas comunidades virtuais marcadas pela filiação voluntária, determinada pelo interesse intelectual e/ou emocional em relação a um determinado assunto. O excesso de informações nas redes implica a emergência de novos mediadores. As convergências comunicativas *on-line* vão além, portanto, das possibilidades das mídias e dos conteúdos dispersos na *web*. Diante da impossibilidade de lidar isoladamente com o excesso de informações disponíveis e mutantes, a integração com outras pessoas com a mesma finalidade garantem o sucesso do empreendimento e os



resultados favoráveis da ação. Essas comunidades em permanente interação *on-line* mostram suas forças quando conseguem alterar as relações existentes entre tecnologias, indústrias, mercados, gêneros e audiências, como diz Jenkins (2008). Como principais consumidores dos produtos em que se modelam, elas interferem direta ou indiretamente no processo produtivo e mesmo nas definições mercadológicas sobre esses produtos.

Hoje a educação precisa envolver a formação de receptores-atores aptos a interagirem com as mídias atuais e delas se tornarem parte integrante. Conforme dissemos, a personalização da comunicação em pequenas telas que levamos conosco – que nos permitem novas possibilidades, novas convergências – nos coloca diante de uma também nova condição comunicativa, que modifica nossa maneira de ser e de estar no mundo. Mais do que isso, diante da mudança de época em que vivemos, a configuração das novas mídias e da convergência midiática que se desenha, enquanto agentes socializadores, pede a participação de receptores-atores.

Há uma grande diferença entre as pessoas que podem estar conectadas com a internet, beneficiando-se de uma grande quantidade de informações, de experimentação, de conhecimentos ou experiências estéticas, e a imensa maioria excluída, desligada desse mundo de bens e experiências. Mas não podemos permitir que nos bastem a constatação e o lamento. Precisamos compreender como essa mesma sociedade dividida está sendo transformada pela centralidade das tecnologias e dos sistemas de comunicação (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 125)

Segundo Martín-Barbero, estamos numa sociedade da educação, uma sociedade na qual nos educamos não só no sistema educativo formal, mas também por meio das diversas telas às quais estamos expostos, das quais participamos e a partir das quais estamos aprendendo. É preciso pensar, então, como e o que aprendemos nessa nova condição<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Walter Benjamin (1982) foi, talvez, o primeiro a entrever o nascimento do novo sensorium que se formava no intervalo entre as novas condições de produção e as transformações culturais promovidas pelas novas tecnologias da comunicação e informação. Essa mudança permite uma aproximação com tudo aquilo que até então estava distante para as massas – a arte, por exemplo, mas não só ela – desmistificando, com a ajuda das técnicas, aquilo que possuía a aura de sagrado, o que era mantido resguardado e inacessível à população em geral. Esse sensorium permite romper o distanciamento e revigorar o sentimento de igualdade da massa diante da cultura, prerrogativa antes apenas da elite. Por intermédio das novas tecnologias e do desenvolvimento da nova sensibilidade, criou-se uma condição que perpassa os novos mecanismos de apreensão do mundo “pela mediação de conectar-se ou desconectar-se dos aparelhos”(BACCEGA, 2000, p. 10), que pode ser percebida nas empatias cognitivas e expressivas, desenvolvidas, principalmente, pelos jovens. Martín-Barbero explica que “frente à língua e ao território, as (linguagens) eletrônicas, audiovisuais, musicais, ultrapassam essa limitação, produzindo comunidades hermenêuticas que respondem a novos modos de perceber e narrar a identidade” (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 58). Identidades que são capazes de “amalgamar e fazer conviver ingredientes de universos culturais diversos” (MARTÍN-BARBERO, op. cit., p. 13). Instaura-se, assim, o ecossistema comunicativo.

A primeira manifestação e materialização do ecossistema comunicativo é a relação com as novas tecnologias – desde o cartão que substitui ou dá acesso ao dinheiro, até as grandes avenidas da internet – com sensibilidades novas, claramente visíveis entre os mais jovens. Eles têm maior empatia cognitiva e expressiva com as novas tecnologias e com os novos modos de perceber o espaço e o tempo, a velocidade e a lentidão, o próximo e o distante. Trata-se de uma experiência cultural nova, ou, como chamou Walter Benjamin, um sensorium novo. Novos modos de perceber e sentir; uma nova sensibilidade que, em muitos aspectos, se choca e rompe com o sensorium dos adultos. (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 125)

Para Martín-Barbero, o problema está em saber se a escola vai ser capaz de ensinar a ler livros não só como ponto de chegada, mas também de partida para outra alfabetização, a da informática e das multimídias. Isso implica pensar se a escola está formando o cidadão que não só sabe ler livros, mas também noticiários de televisão e hipertextos informáticos. (...) “O saber é disperso e fragmentado e pode circular fora dos lugares sagrados nos quais antes estava circunscrito” (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 126). A partir disso, acrescentamos ainda a ideia das brechas que permitem uma nova postura diante dessas mídias e da conectividade em rede, bem como da condição latino-americana, ou ainda da distância entre os países periféricos e centrais, embora o Brasil atualmente já seja o país com a maior média de horas de navegação pela internet.

Ao observarmos os processos comunicacionais da atualidade, especialmente os alocados no âmbito da internet, encontramos uma linguagem imagética intrinsecamente conectada à palavra, a signos possíveis apenas neste momento atual de nossa sociedade. Passamos, assim, dentro dos estudos de Comunicação, a necessitar discutir outras condições e processos de letramento que permitam a inserção e o consumo de mercadorias que hoje ganham também novas acepções de valor. “(...) construção de cidadãos significa que a educação tem de ensinar as pessoas a ler o mundo de maneira cidadã”. (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 133)

Agora a questão comunicacional gira em torno de alcançar audiências participativas e incentivar essa participação dos usuários – algo que requer apropriação de distintas linguagens para mover-se entre as telas. Ou seja, há um desafio maior, que envolve a necessidade de formação para emissão e participação no uso das mídias convergentes. E há que se pensar de onde virá essa formação já que somente a possibilidade de interatividade

nos traz essa chance de tomar o objeto e modificá-lo realmente. Orozco-Gómez defende que temos os elementos para sermos emissores, sermos plenamente comunicadores. Mas isso requer prática, requer desenvolvimento de competências.

A tríade comunicação, educação e novas tecnologias resume uma das problemáticas substantivas do novo milênio. Constitui um desafio central, não só para os comunicadores e os educadores preocupados pelo avanço da tecnologia telemática e digital e suas múltiplas vinculações mútuas, mas também para a democracia e, claro, para a cultura, como processos maiores que contextualizam e condicionam a geração, circulação e consumo de conhecimento. (OROZCO-GÓMEZ, 2011, p.159)

Segundo o autor, nunca como agora o aparato tecnológico, sempre presente ao longo da história, havia desafiado tanto os diversos campos disciplinares e condicionado tão profundamente o acontecer cotidiano das sociedades, os grupos e os indivíduos. (OROZCO-GÓMEZ, 2011, p.160)

De sorte que o desafio para os educadores são as novas educações (no plural). Reinterpretar deixou de ser o desafio central para uma recepção crítica, porque, antes, o conteúdo estava intocado, por mais que incentivássemos esse olhar crítico das audiências. Assim, deixa-se de lado o modelo linear de Laswell com os polos de emissão e da recepção, onde estávamos nós, no polo da recepção, enquanto o mercado, os governos e outras instituições ocupavam o polo da emissão. A atual condição comunicativa modifica esse modelo. Tomamos agora as audiências participativas e ativas, que se converteram também em audiências emissoras de processos de comunicação.

Da mesma maneira que os educadores deveriam descentrar sua preocupação principal dos conteúdos e focalizar mais os processos, os comunicadores também deveriam desviar sua preocupação dos meios e focalizar mais os processos aos redor dos meios, dos receptores, das interações que os mesmos meios possibilitam e dos contextos nos quais se realizam estas interações, já que é no contexto que, afinal, nasce o sentido da comunicação, e também é daí que se pode apreciar a relevância dos aprendizados realizados. (OROZCO-GÓMEZ, 2011 p. 172)

Isso requer um processo educativo integrado para podermos de fato nos apropriar da tecnologia. Temos que modificar nossa maneira de estar no mundo digital e isso não é simples, mas essa possibilidade tecnológica nos permite ser um pouco otimistas, pois mudamos o paradigma da transmissão de informação.

Todo o processo já não depende mais apenas da transmissão, mas da experimentação, da criatividade para lidar com os novos meios, a partir do momento que, para descobrir sobre esses meios são necessárias nossas tentativas e experimentações. É nesse sentido que temos a chance de sermos otimistas com as novas telas, que pedem sujeitos criativos para dar continuidade ao processo de interatividade com essas tecnologias. Isso modifica a questão da audiência e interfere diretamente na condição de sermos receptores e emissores. Requer múltiplas alfabetizações, como dissemos, pois precisamos interagir com lógicas distintas de produção. Mas estamos em busca dessas novas alfabetizações sem termos conseguido cumprir com a tarefa de alfabetizar “tradicionalmente”.

A questão central, quando se busca alcançar políticas emancipatórias e de vida – ambas vinculadas e interdependentes, no compósito de construção identitária e autorrealização –, tendo em mira o amplo quadro educativo em suas interfaces com a comunicação, (...) está em atualizar as relações entre os sujeitos/agentes, atentando para as mediações patrocinadas pelas múltiplas circunstâncias comunicacionais que os circundam. (CITELLI, 2011, p. 75)

Conforme apresentado, não é mais possível separar a condição de aprendizagem do uso dessas telas. Assim, ao que nos parece, o momento em vigência para essa vinculação entre educação e comunicação. Ainda que consideremos que há um grande número de usuários que estão produzindo conteúdos, a grande maioria se mantém como a audiência tradicional. Por isso é preciso identificar quais são as lógicas que estão por trás desses processos de produção. Não basta pensarmos que a partir de agora todos iremos produzir vídeos e criar blogs, visto que é difícil o reconhecimento adequado e correto das múltiplas telas.

Com a Comunicação, o problema da cultura está em jogo. Também está em jogo o desafio da difusão do conhecimento. E enquanto pensarmos que seu universo se reduz e se delinea na informação disponível ou nas mensagens de mídia, estaremos deixando de lado a importância central que tem a construção simbólica do mundo em que vivemos. (CROVI DRUETTA, 2011, p. 119)

Passar da condição de audiência tradicional para a condição de usuários (de outras telas que não a TV, especialmente) é uma mudança paulatina que começa a ser percebida

aos poucos, até chegarmos ao ponto, segundo Orozco-Gómez (2011), de darmos poder a nós mesmos para nos assumirmos como emissores competentes a influenciar os outros.

A partir da ideia de ecossistema, ainda de acordo com Orozco-Gómez (2011), podemos pensar que vivemos sob uma torrente midiática que não se pensa somente na relação com um só meio para gerar um processo, mas sim considera vários meios. Daí ecossistema de meios, um mega sistema, visto que cada meio não é uma ilha, uma empresa única. Eles estão conectados, formam um conjunto. Enquanto nós, como audiência, recebemos, essa torrente mediática de uma só vez. Estamos conectados a tudo, todo o tempo, nos expondo a uma espécie de bombardeio em todos os nossos sentidos: visão, tato, olfato.

Têm surgido novas formas de trabalhar e estudar na sociedade em rede, novos modos de relacionar-se que exigem, ao mesmo tempo, novos tipos de organização do trabalho, da escola e da sociedade, enfim, que se reestruturam a partir das mudanças trazidas pela convergência tecnológica. Ou, se considerarmos a expectativa de CROVI DRUETTA (2002), “pensar y esperar que, pasado el éxtasis inicial que provocan las NTIC en la vida cotidiana, los jóvenes serán capaces de tomar la distancia suficiente para proponer los límites que contendrán a la convergencia y construir los canales que les permitirán sacarle el mejor provecho”.

A cibercultura – e, mais do que isso, a convergência de fluxos, sentidos, etc. – tem permitido a construção dessas novas sensibilidades. As tecnologias trazem alterações nos processos receptivos dos indivíduos, mudando a percepção sensorial da sociedade e, com isso, as formas de aprender, se relacionar e viver o cotidiano. Outras questões levantam-se a partir desse novo *sensorium* e desabrocham interfaces, interatividade, polifonia, colaboração e autorias. E não devem terminar por aí os desafios de compreensão desses aspectos da sociedade em rede.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Tecnologia e comunicação: produção e recepção por sujeitos contemporâneos. In: **Seminário Comunicação e Trabalho: pluridisciplinaridade, interfaces e mediações**, São Paulo, Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 23 e 24 ago. 2007.

BACCEGA, Maria Aparecida. Tecnologia e construção da cidadania. **Comunicação & Educação**. nº 27. mai/ago de 2003. Disponível em

<[www.eca.usp.br/departam/cca/cultext/comueduc/apresenta/artigo27.htm](http://www.eca.usp.br/departam/cca/cultext/comueduc/apresenta/artigo27.htm)> Acesso em 15 de outubro de 2004.

BARRETO, Raquel Goulart. **Discursos, tecnologias, educação**. Rio de Janeiro: UERJ, 2009.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Paris, capital do século XIX**. São Paulo: Edusp, 1971.

BOURDIEU, Pierre. **Los tres estados del capital cultural**. Disponível em: <http://sociologiac.net/biblio/Bourdieu-LosTresEstadosdelCapitalCultural.pdf>. Argentina, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet** – reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2002.

CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CROVI DRUETTA, Delia. Convergencia tecnológica, juventud e trabajo. **2001 efectos del globalismo y pluralismo**. Montreal: Gricis, 24-27 abr. 2002.

CROVI DRUETTA, Delia. Desafios atuais da área de comunicação. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

IANNI, Octavio. *Globalização: novo paradigma das ciências sociais*. **Estudos Avançados**. 8 (21). São Paulo: USP, 1994.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1997.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KENSKI, Vani. Educação e comunicação: interconexões e convergências. **Educação & Sociedade**. Campinas, out. 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo** – travessias latino-americanas da comunicação e da cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

MORAES, Dênis de (org.) **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Notas metodológicas para abordar las mediaciones em el proceso de recepcion televisiva. México: **Cuadernos nº 2**, 1990.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. **Comunicação & Educação**, nº 23. São Paulo: Moderna/CCA, 2002.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Televisión, audiencias y educación**. Buenos Aires: Norma, 2001, p. 39-62.

OROZO GÓMES, Guillermo. Comunicação, educação e novas tecnologias: a tríade do século XXI. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A educação popular no Brasil a partir da cultura de massa: uma abordagem sociológica. In: FÍGARO, Roseli (org.). **Gestão da Comunicação – no mundo do trabalho, educação, terceiro setor e cooperativismo**. São Paulo: Atlas, 2005.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Um novo capital cultural – pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos populares. **Intercom** – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4907/1/NP11SETTON.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.) **A leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003.